

## **O museu e a escola**

Museus são espaços de aprendizagem, espaços de educação. Seu trabalho é difundir informações obtidas a partir das atividades de pesquisa e documentação que realiza. Por meio de suas exposições, procuram argumentar com o público suas intenções e por meio de mecanismos alternativos de avaliação, como livros de opinião, procuram saber se e como foram compreendidos.

Museus são espaços de prazer, de descoberta, de gosto pelo saber. Querem provocar o visitante, instigar a pesquisa. Mesmo a discordância do visitante precisa ser acolhida e analisada enquanto um outro olhar sobre o discurso proposto pelo museu.

Museus, como as escolas, são espaços dedicados ao ensinar e aprender, mas não são escolas no sentido formal da palavra. Muitas vezes, visitando um museu, as escolas acabam por transformá-lo numa sala de aula, reproduzindo seus métodos de ensino e pedindo dos alunos o mesmo tipo de avaliação, como quando se toma uma lição ou se corrige um dever. Muitas vezes são os próprios museus que se colocam nesse lugar, querendo substituir a escola.

A preocupação do Museu de Folclore Edison Carneiro tem sido a de se tornar parceiro dos educadores para mudar esse quadro. Tem procurado evidenciar que ao Museu cabe um papel de contraponto ao processo formal de aprendizagem promovido pela escola. Ora complementa as atividades escolares com informações sobre temas estudados em aula e ora as confronta,

questionando conceitos sobre folclore e cultura popular que são veiculados na escola.

Nossa intenção é não nos colocarmos no lugar do professor, não o substituindo na sua tarefa essencial de orientar sua turma. Por isso, quando ele deseja visitar o museu com seus alunos, primeiro o convidamos para conhecer a instituição, seus acervos e espaços para que possa então conduzir a visita de seu grupo.

O professor é o melhor guia para uma visita de sua turma. Quem melhor do que ele conhece seus alunos, suas expectativas, suas histórias e pode adequar a visita a seus interesses e necessidades?

Nosso papel é o de apoiar este trabalho para que haja um melhor aproveitamento da exposição. Já o do professor é o de mediar a relação entre as informações oferecidas pelo museu e o programa escolar.

O museu pode e deve estar a serviço do trabalho do educador. É um bom instrumento para apoiar pesquisas e referenciar estudos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula. Quer contribuir para o que deve ser o mais importante no trabalho do professor – fazer o aluno aprender a pensar.

Assim como escolhe um livro ou um capítulo dele para leitura da turma, assim também o museu ou parte dele pode ser uma escolha para iniciar um assunto, complementar uma atividade, ou até mesmo ajudar a provocar uma discussão.

Quando o conhecimento não está pronto e vai sendo construído passo a passo, acabamos por aprender de um jeito mais simples e mais fácil o passo seguinte. Também não adianta um “monte” de conhecimento pronto e tudo a ser decorado. Quem educa sabe que quanto mais se ensina, menos se aprende, porque ninguém consegue aprender a pensar com tanta coisa para lembrar depois.

Ao convidar o educador para uma visita prévia queremos oferecer-lhe instrumentos para descobrir a potencialidade do museu enquanto parceiro de seu trabalho; queremos desmistificar este lugar sagrado e reverenciado do museu como se ali estivesse um saber pronto e acabado e sem conflitos; queremos provocar seu olhar para novas descobertas e questionamentos para com o discurso da exposição que visita.

O convite para descobrir o museu, inclui, no nosso caso, o desejo e a preocupação de encontrar uma nova relação da escola com os estudos de folclore. E que melhor momento temos senão quando recebemos cada professor para conversar e trocar conhecimentos?

Muitas vezes a cultura popular aparece nos programas escolares como um evento, ou conjunto de curiosidades, algo externo ao próprio programa. Tudo acaba numa visita ao museu ou numa festa, em que as crianças representam uma manifestação quase sempre escolhida com esmero, muitas vezes de uma região bem distante daquela em que vive sua própria experiência pessoal. Tudo isso, em geral, com empenho de alunos e professores, sem que o resultado, mesmo que positivo, sirva para algo mais do que um “programa

cultural” ou a exibição para pais e comunidade. **O mês de agosto acaba, e o folclore vai embora com ele.**

Para explicitar melhor como o museu entende a idéia e o papel dos estudos de folclore na escola, seria bom conversar um pouco sobre a relação da educação com a cultura.

Cultura diz respeito ao modo de ser e de viver de diferentes grupos que formam uma sociedade: a língua, as regras de convívio, o gosto, o que se come, o que se bebe, o que se valoriza, o que se veste vão formando o que é próprio de um povo, de uma sociedade ou de parte dela.

O Brasil é tão grande e com tantas diferenças que não se pode falar de uma única cultura, mas de muitas. Você já parou para pensar, por exemplo, em quantas nações indígenas nós temos? E das culturas africanas que para cá vieram? Não foi uma nação, mas muitas a formar o que chamamos de cultura afro-brasileira.

A cultura popular é tudo isso bem misturado e refletido nos muitos jeitos de ser do brasileiro.

Por tudo isto a educação não pode estar separada da questão cultural. Ela é resultado das práticas culturais de um grupo social. O próprio processo de ensinar e aprender revela essas práticas. Até o como se ensina é uma das dimensões da cultura. A cultura é o que alimenta, dá forma e conteúdo à educação. Em sala de aula, experiências, vivências e singularidades estão reunidas. É como uma micro-sociedade onde tantos jeitos de ser, de ver, de

brincar de rezar e festejar se confrontam e se misturam. Alunos e professores trazem suas bagagens e histórias. Trocas, negações e reafirmações de culturas pulsam o tempo todo nesse convívio.

Em sala de aula não é possível ignorar essas diferenças, até porque as vivências e os saberes de cada aluno é que vão construir novos saberes e gerar outros conhecimentos. É preciso estar atento ao que cada um traz de contribuição pessoal e tirar partido para o trabalho cotidiano do professor com sua turma.

Trabalhar o conceito de folclore numa visão contemporânea significa estudar as manifestações de forma contextualizada, em que a preocupação não seja mais saber o traje típico ou a comida da região, mas qual o significado da roupa da festa, ou por que, naquela festa, a comida é especial ou quem são as pessoas que festejam, como é a vida delas fora dali, como é o cotidiano de cada um, etc. São questões que pontuam nosso trabalho e que queremos partilhar com a escola no sentido de restaurar nos estudos do folclore não a eventualidade, mas o homem e sua relação com a vida e as coisas que constrói e cria: sua cultura.

Lucia Yunes

Divisão Técnica

Texto da apostila do professor

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.